

A PERMANÊNCIA DO QUARTO DE EMPREGADA NOS PROJETOS ARQUITETÔNICOS DA CIDADE DE ARAPIRACA - AL DE 2010 A 2020

LA PERMANENCIA DEL CUARTO DE SERVICIO EN LOS PROYECTOS ARQUITECTÓNICOS DE LA CIUDAD DE ARAPIRACA-AL DE 2010 A 2020

Sessão Temática: ST05 Lutas urbanas e práticas insurgentes

SANTOS, Clétia; graduação; Universidade Federal de Alagoas

cletia.santos@hotmail.com

BARROS, Alice de Almeida; Doutorado; Universidade Federal de Alagoas

alice.barros@arapiraca.ufal.br

Resumo

Este trabalho apresenta um breve estudo da história que levou à construção da dependência de empregada nas residências brasileiras. A pesquisa tem o objetivo de analisar a permanência do quarto de empregada nos projetos de arquitetura residencial de 2010 a 2020 na cidade de Arapiraca, Alagoas. O estudo utilizou projetos arquitetônicos de residências que possuem quartos de empregada na cidade alagoana. Através da compreensão da influência histórica, inicialmente da escravidão, passando pelas lutas das mulheres negras e das empregadas domésticas e pelo exame da sociedade patriarcal, percebe-se que o quarto de empregada se mantém presente nas casas da classe econômica abastada, permanece como um retrato da segregação social e econômica na sociedade brasileira. É um cômodo para mulheres pretas e pobres, em sua maioria, se localiza distante dos demais cômodos da casa. Destaca-se a importância de integrar esse ambiente ao restante da moradia, evitando manter a história de segregação.

Palavras-chave: dependência de empregada, projeto de arquitetura, Arapiraca-AL.

Abstract

This paper presents a brief study of the history that led to the construction of the dependence of employees in Brazilian residences. The research aims to analyze the permanence of the maid's room in residential architecture projects from 2010 to 2020 in the city of Arapiraca, Alagoas. The study used architectural projects of residences that have maid's room in the city of Alagoas. Through the understanding of the historical influence, initially of slavery, through the struggles of black women and maids and the examination of patriarchal society, it is

perceived that the maid's room remains present in the houses of the wealthy economic class, remains as a portrait of social and economic segregation in Brazilian society. It is a room for black and poor women, most of which are located far from the other rooms of the house. The importance of integrating this environment into the rest of the house is highlighted, avoiding maintaining the history of segregation.

Keywords: maid's room, architectural design, Arapiraca-AL.

1. Introdução

O quarto de empregada que marca presença nos projetos arquitetônicos atuais tem origem em uma conjuntura social e econômica, acompanhando a formação de grupos sociais brasileiros. Primeiro durante a escravidão com as senzalas, como é mencionado mais adiante em detalhes, em seguida cômodos externos nos quintais das casas até se tornar um ambiente interno, é comum ficar junto de um banheiro no setor de serviço da moradia.

A compreensão do tema de estudo passa por alguns assuntos que possibilitam melhor compreender como surge e se mantém o quarto de empregada nas moradias brasileiras. Dentre os assuntos está um recorte da história do Brasil, inicialmente, e depois o foco é o histórico da cidade de Arapiraca, assim foi possível perceber que o sistema escravagista, formação patriarcal e cristã, a dominação do grupo masculino sobre o feminino serviu como molde para a formação social e econômica brasileira.

O distanciamento entre patrão e empregado com a subjugação do segundo, a exploração do trabalho doméstico que é prioritariamente exercido por mulheres, pobres e pretas, a segregação dos cômodos do setor de serviço nas edificações de uso residencial são aspectos problemáticos e que permanecem existindo e reforçando a segregação entre grupos sociais.

Após o conhecimento do tema e da problemática, o estudo é construído iniciando pelo referencial teórico, este faz parte do começo e acompanha toda a elaboração da pesquisa, a consulta aos autores é feita de maneira constante. Os autores consultados são fundamentais para compreender a história brasileira com destaque para o trabalho doméstico e o surgimento do espaço de empregada nas construções de uso residencial.

A pesquisa documental acontece de modo a buscar e reunir projetos arquitetônicos elaborados por profissionais arquitetos e urbanistas, entre 2010 e 2020, para serem executados na cidade de Arapiraca, são projetos de moradias que possuem dependência de empregada, quarto e banheiro. Após a busca e reunião dos projetos, a etapa seguinte é a análise projetual, nesta análise são observados e discutidos quais problemas identificados no projeto do ponto de vista da localização da dependência de empregada na casa, relação com estratégias de conforto ambiental e dimensão, comparando com os demais ambientes presentes no projeto da moradia.

A proposta é que essa análise auxilie no entendimento de como os projetos de arquitetura, idealizados por profissionais, continuam reforçando a segregação de grupos que já sofrem ao

longo dos anos com perseguição, preconceito e agressões aos seus corpos e direitos, as mulheres, dentro do grupo feminino ainda com maior intensidade as pobres e pretas.

2. O Trabalho Doméstico na Colonização Brasileira

De acordo com Dias e Almeida (2021), a origem das empregadas domésticas remete à invasão portuguesa no Brasil, ocasião em que raptaram pessoas no continente africano escravizando-as. “Eram serviços domésticos não remunerados que foram impostos e sobre os quais houve muita resistência” (DIAS E ALMEIDA, 2021, p.12). Neste sentido, o trabalho doméstico teve seu marco histórico no período colonial, que, como analisa Silva; Loreto; Bifano (2017, p. 414): “a atividade doméstica era entendida como trabalho escravo, realizado por mulheres, principalmente as negras”.

As atividades desenvolvidas pela empregada doméstica (escravas) eram de mucamas, amas de leite, costureiras, aias, pajens, cozinheiras. Estas mulheres também cuidavam dos filhos das sinhás, transmitiam recados, serviam à mesa, recebiam as visitas etc.

Gilberto Freyre (2003) destaca que em 1532, quando se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, foi depois de um século de contato dos portugueses com os trópicos. Ele acrescenta que “a base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor” (FREYRE, 2003, p. 65).

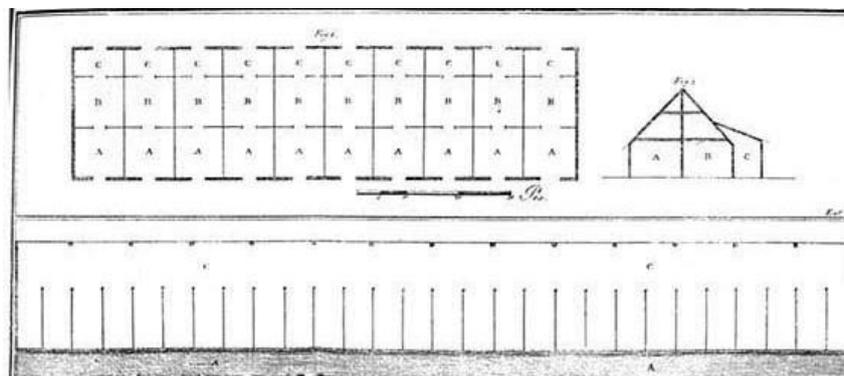
Concomitantemente, Freyre (2003) aponta que foi formado no Brasil uma sociedade agrária, escravocrata, híbrida de índios e, posteriormente, de negros.

Senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens; donos de terras e de escravos que dos senados de Câmara falavam sempre grosso ao representantes del-Rei e pela voz liberal dos filhos padres ou doutores clamaram contra toda espécie de abusos da metrópole e da própria Madre Igreja (FREYRE, 2003, p. 66).

Em sua obra Casa Grande e Senzala, Freyre (2003) cita acerca da cultura africana e sua influência no Brasil e descreve a subalternidade existente entre senhores e criados.

No que se refere às senzalas (figura 1), além de serem consideradas insalubres, eram cubículos, nesses locais não existia privacidade. Segundo Silva, Loreto e Bifano (2017), as senzalas eram cobertas de palhas ou telhas, erguidas com tijolos madeiras ou pedras.

Figura 1: Planta baixa e corte vertical da senzala proposta por P.J laborie (LABORIE 1798). Acervo de Guita e José Mindlin, São Paulo. Reprodução de Hélio Nobre



Fonte: Scielo/ Marquese, 2005.

Silva, Loreto e Bifano (2017) colocam que no período colonial existia um código moral entre patrões e patroas, que deveriam fornecer alimentação, roupas e moradia aos criados e criadas e, por outro lado, os criados deveriam oferecer fidelidade e obediência.

A mudança de hábito como a substituição do serviço doméstico escravo para o assalariado trouxe concorrência entre ex-escravas recém alforriadas e libertas em consequência da falta de oportunidade de trabalho. Com a imigração, foi substituída a mão de obra escrava pela europeia, ou seja, as imigrantes brancas europeias, “a fim de servirem de preceptoras dos filhos dos patrões e executarem toda ordem de trabalho doméstico com maior refinamento das atividades domésticas” [...] (MORAIS E MAIA, s/d, p.329).

Por fim, o Brasil começa a caminhar para abolir a escravidão, foi em 1850 que foi extinto o tráfico de escravos no Brasil. Em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei do Ventre-Livre, a qual tornava livres os filhos de escravos que nascessem após esta lei. Em 1885, entrou em vigor a Lei Saraiva – Cotegipe, a Lei dos Sexagenários, que beneficiava os negros com mais de 65 anos de idade.

Foi apenas em 13 de maio de 1888, que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país. Apesar da história ser romantizada, a filha de D. Pedro II não assinou a Lei por bondade, mas por questões políticas e econômicas. A coroa sofria uma pressão muito grande para pôr fim a escravidão. Todavia, algumas escravas permaneceram nas casas dos seus ex-proprietários “Não havia muitas alternativas de trabalho e sobrevivência” (SILVA, LORETO, BIFANO, 2017, p. 419).

Os autores acrescentam que as negras que continuaram nas casas de seus ex-proprietários, exercendo as atividades domésticas, acabavam mantendo certo “status”, comparando-se à parcela da população negra, pois a proximidade com a família permitia certa proteção às trabalhadoras.

O que se observa desta relação dos senhores e “ex-escravos” após a promulgação da Lei Áurea (1888), é que a relação de servidão permaneceu, uma vez que as ex-escravas que lidavam com o serviço doméstico, mesmo com a liberdade trazida pela Lei Áurea, continuavam sem receber salários, trabalhavam em troca de comida e teto.

Em consequência da extinção do trabalho escravo, houve a necessidade acomodações “melhores, de acordo com Morais e Maia (s/d), assim, as mulheres brancas ou estrangeiras, que, moravam no local de trabalho poderiam ter uma acomodação. Os autores mencionam Lemos e explicam que o quarto para criados de serviços gerais (mulheres brancas e ex-escravas), localizado no setor de serviços, perto da cozinha e o quarto da governanta, que era muitas vezes estrangeira, ficava localizado no primeiro pavimento, ao lado dos quartos dos proprietários, mais confortável e valorizado sócio espacialmente.

De acordo com Morais e Maia (s/d), eles explicam que a senzala foi o desenho que em sua proposta arquitetônica inicial passou a ser seguido nos denominados “quartos para criado” ou “puxadas” perto da cozinha ou nas chamada “pseudo-despensa” ao lado do fogão, que são separados da residência dos patrões. Os autores acrescentam que é um vestígio da senzala, ao passo que no lugar das cocheiras estariam os carros e no lugar dos escravos estão os empregados domésticos.

Ao adentrar no século XX, momento de grande expansão industrial e de intensa imigração no País, Oliveira (2017) salienta que ocorreram manifestações e greves operárias nas décadas de 1910 e 1920, na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro da Primeira República. A historiadora explica que podem ter surgido na organização das primeiras manifestações do movimento negro, que resultam ao longo do século XX, a aquisição de alguns direitos, mas, especificamente reivindicações surgidas após a Constituição de 1988, com o contexto de marginalização social a que foram submetidos os negros após a escravidão.

No Brasil República, a empregada doméstica começou a sair da invisibilidade, segundo Silva, Loreto e Bifano (2017), e passou a ter direito por meio da fundação do primeiro Sindicato das Empregadas Domésticas (1936), em Santos, criado por Laudelina de Campos Melo.

Para Silva, Loreto e Bifano (2017, p. 415), o quarto de empregada foi criado como uma maneira de manter controle sob a jornada de trabalho da empregada doméstica, “levando-a ao isolamento e ao desconforto, uma vez que eram espaços sem ventilação e insalubres”.

É importante destacar que os quartos de empregadas aparecem não apenas em residências térreas, gradativamente são incluídos nos edifícios verticais brasileiros do século XX.

Lima e Toledo (2018) ao abordar que os primeiros edifícios residenciais verticais, voltados à classe alta e construídos nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940, possuíam dependências de empregadas localizadas no último pavimento do edifício, os autores constatam que foi inspirado nos andares de *chambres-de-bonne* parisienses. Os autores destacam que nas primeiras dependências de empregadas no Brasil existiam problemas relativos ao clima: eram muito frias no inverno e muito quentes no verão.

De acordo com Lima e Toledo (2018), os denominados quartinhos de empregada somente foram construídos no interior do setor de serviço dos apartamentos, por meio da inserção dos edifícios voltados para a classe média, fato ocorrido a partir da década de 1940, “neste período, já é possível observar a presença de elevadores de serviço e portaria separada nos projetos dos edifícios” (LIMA E TOLEDO, 2018, p.80).

O uso de quarto de empregada não se restringe somente as residências ou apartamentos construídos apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas essa configuração se repete também em outras capitais como em Maceió, Alagoas, que baseou seu modo de construir com os exemplos das grandes capitais citadas anteriormente.

Para Lima e Toledo (2018) a dependência de empregada é presença marcante nos edifícios verticais multifamiliares em Maceió. Os autores colocam que a grande maioria dos edifícios produzidos de 1964 até 1999 contou com quarto de empregada (65% da produção total).

Quadro 1: Dependência de Empregada nos Edifícios de Apartamentos de Maceió construídos nas décadas 1960 a 1990.

	1960	1970	1980	1990	TOTAL
Edifícios sem dependência e sem dormitório reversível	0	0	4 unid. (5,6%)	25 unid. (19,5%)	29 unid. (13%)
Edifícios com dependência de empregada	2 unid. (100%)	27 unid. (100%)	49 unid. (69%)	70 unid. (54,7%)	148 unid. (65%)
Edifícios com dormitório reversível	0	0	18 unid. (25,4%)	33 unid. (25,8%)	51 unid. (22%)
TOTAL DE EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS	2	27	71	128	228

Fonte: Lima e Toledo, 2018.

2.1 A permanência do serviço doméstico entre o gênero feminino

É de se mencionar que o trabalho doméstico é essencialmente prestado por mulheres, ou seja, uma população que além de lutar por melhores condições econômicas, batalha também por igualdade de oportunidades com pessoas do gênero masculino. Pois além das mulheres serem consideradas inferiores pela sociedade patriarcal, a empregada doméstica não é valorizada nesta sociedade em consequência da desvalorização do serviço doméstico.

Não se pode deixar de destacar a importância do serviço doméstico. Este surgiu no Brasil de um contexto escravagista no qual os cuidados da casa eram realizados sem pagamentos e sob ameaças e nos séculos seguintes a categoria das empregadas domésticas alcançaram conquistas, a Lei Complementar 150 de junho de 2015 estabeleceu direitos trabalhistas como seguro-desemprego, por exemplo. A reforma trabalhista, lei 13.467 de 2017, incluiu demissão

acordada, punições para patrões que não assinam carteira de trabalho, não contabilizam horas extras etc.

O serviço doméstico é prestado por pessoas que devem ser reconhecidas e valorizadas pelas atividades realizadas, apesar da sua importância na sociedade o serviço é frequentemente desvalorizado, tratado como um trabalho menor que não necessita de especialização e profissional e pagamento formalizado, e posto para a sociedade como uma tarefa ligada ao gênero feminino pela tradição de cuidados com família e casa ao longo dos anos.

E ainda sobre o decorrer dos anos, as empregadas domésticas e o quarto de empregada ocupam um papel na vida e na arte, as produções artísticas retratam as figuras femininas dessa profissão e suas vivências. Os retratos na arte mostram a presença delas e dos lugares que elas ocupam na casa e na sociedade brasileira.

Na literatura brasileira aparecem obras que registram o cômodo da funcionária da moradia, uma delas é o drama “Quarto de empregada”, escrito em 1958, por Roberto Freire. Na peça, as empregadas domésticas Rosa e Suely, além de realizarem os serviços domésticos na residência, dormem na casa dos patrões, no “quarto de empregada”, local descrito como:

Cubículo com cama beliche ao fundo e armário repleto de roupas que transbordam. Malas sobre armário, quase até o teto. À esquerda, uma porta e à direita uma janela para rua de grande movimento de bondes e automóveis. O espaço que sobra é realmente mínimo. Típico quarto de empregada em apartamentos modernos (FREIRE apud OLIVEIRA, 2012, p. 1).

Na concepção de Oliveira (2012), os resquícios da política escravagista merecem reflexões. A autora acrescenta que a dependência da empregada é situada próxima à cozinha e após a área de serviço, o que ela diz que se configura como uma pequena peça agregada ao banheiro e possui um tamanho menor que o restante dos cômodos. “Enquanto os moradores e visitas entram pela porta principal, os empregados usam a porta da cozinha, sendo comum a diferenciação também em elevadores: o social e o de serviço” (OLIVEIRA, 2012, p. 3).

Mais um famoso romance aborda o quarto de empregada na literatura brasileira, trata-se da Paixão segundo G.H, de Clarice Lispector, escrito em 1964. Quando a empregada doméstica da personagem da senhora G.H se demite, G.H vai procurar no quarto de empregada algo para culpar a ex-funcionária, mas no local ela encontra tudo bem arrumado e limpo, todavia ela vê uma barata saindo do armário, a personagem, então, esmaga a barata e decide provar do seu interior branco. Em um trecho do livro Clarice Lispector (1986, p.19) escreve:

Ontem de manhã – quando saí da sala para o quarto de empregada – nada me fazia supor que eu estava a um passo da descoberta de um império. A um passo de mim. Minha luta mais primária pela vida mais primária ia-se abrir com tranquila ferocidade devoradora dos animais do deserto.

Esta passagem do livro mostra como a personagem mergulha dentro de si, e da sua insatisfação com a vida de dona de casa, com os afazeres domésticos. No cinema o filme

“Que horas ela volta?” (2015) retrata a realidade das domésticas no Brasil, a produção narra a história de Val, uma mulher que abandona o Nordeste ao tentar a vida como doméstica em São Paulo. Ela consegue emprego na casa de uma família de classe alta e passa anos morando e servindo na casa dos patrões que afirmam a tratar “como se fosse da família”. Ocorre que sua filha decide fazer vestibular, por não ter onde ficar em São Paulo, Jéssica, a filha de Val, se acomoda na residência dos patrões da mãe, dividindo com a genitora o mesmo quatinho de empregada. Ocorre que a presença de Jéssica, visivelmente incomoda a patroa. A garota não aceita a divisão de classes e as imposições do local.

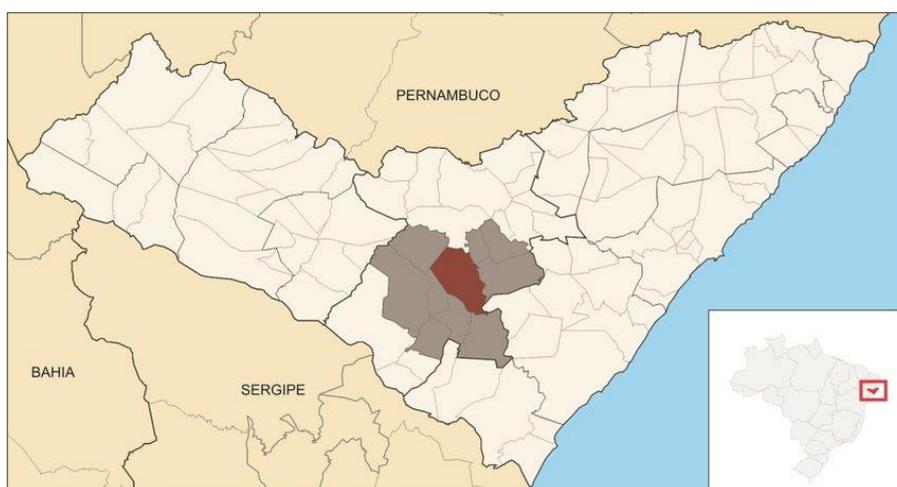
As obras têm em comum o contexto social, a vida da classe média e alta servida pela empregada doméstica, que não tem o direito de dividir sua vida em pessoal e profissional, haja vista residir no seu local de labor.

Após estudar a realidade brasileira ao longo da história e da arte, a pesquisa se direciona para o contexto de Arapiraca no estado de Alagoas trazendo informações breves sobre a história local e seguida do foco sobre o tema.

3. Breve Histórico da Cidade de Arapiraca – AL e Exemplos de Residências com Quarto de Empregada

Arapiraca é um município localizado na região Agreste de Alagoas (Figura 2), segunda maior cidade do estado. De acordo com censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a população do município de Arapiraca era de 214.006 pessoas.

Figura 2: Mapa de Arapiraca - AL



Fonte: disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-municipio-de-Arapiraca-e-da-Microrregiao-no-mapa-do-estado_fig44_308417055 acesso em julho de 2022



Sobre a história, segundo Guedes (1999), Arapiraca tornou-se cidade em 1924 e nesta época contava apenas com cinco logradouros.

Assim, existia o Quadro – atual Praça Manoel André, a Rua Nova – hoje praça Deputado Marques da Silva, a Rua Pinga Fogo, atual Rua Aníbal Lima, início da Rua Boca da Caixa e que, depois, passou a ser denominada de rua 15 de Novembro e início da Rua do Cedro, atual Av. Rio Branco (GUEDES, 1999, p. 25).

A emancipação política de Arapiraca ocorreu no dia 30 de maio de 1924, foi sancionada pelo então governador José Fernandes Lima, através do Projeto de Lei n. 1.009. A festa de comemoração ocorreu no dia 30 de outubro de 1924, dia que se comemora a Emancipação Política de Arapiraca.

O desenvolvimento do município de Arapiraca se deu especialmente na década de 1970 com a cultura do fumo, que fez Arapiraca ser conhecida como “Terra do fumo”. Para Guedes (1999), a cultura do fumo trouxe muitas mudanças para Arapiraca, crescimento populacional, melhorias na infraestrutura, construção de moradias etc. “Por estar localizada no centro do estado de Alagoas, Arapiraca tornou-se rota de muitas trocas comerciais, fazendo com que sua economia estivesse sempre em constante crescimento entre as cidades do agreste” (MESSIAS; HOLANDA; SILVA, 2019, p. 23).

Outro símbolo cultural e de desenvolvimento econômico de Arapiraca é a feira, até final do século XX quando ocupava várias ruas do centro da cidade, havia a venda de produtos alimentícios, produtos para o lar, vestuário, apresentações musicais. De acordo com Messias, Holanda e Silva (2019, p.52) a feira chegou “a abrigar semanalmente mais de 30 mil pessoas, vindas de várias localidades, tornando-se patrimônio imaterial de Arapiraca, em virtude de toda sua contribuição econômica e cultural, além de seu poder de adaptação a cada mudança sofrida na geografia e na economia”. Após o declínio da feira livre que acontecia todas às segundas-feiras no Centro de Arapiraca, as feiras foram desmembradas em bairros e em dias diferenciados.

No decorrer dos anos Arapiraca teve o fortalecimento da agricultura familiar, a pecuária, investimentos no setor de indústrias de beneficiamento de fumo, bem como indústrias de alimentos e madeira. Atualmente Arapiraca possui um comércio ativo, variedade na oferta dos bens e serviços para seus limites e para as cidades vizinhas.

Estão localizados em Arapiraca com oferta de serviços e empregos, gerando renda para o município: a Unidade de emergência do Agreste Dr. Daniel Houly, Grupo Coringa Indústrias reunidas e Fábrica da Coca Cola, estes são alguns dos mais importantes estabelecimentos da cidade. Arapiraca também abriga o campus da Universidade Federal de Alagoas, unidade da Universidade Estadual de Alagoas e mais faculdades particulares ofertando cursos diversos.

Com o crescimento dos postos de trabalho e muitas famílias com seus membros empregados nos comércios e serviços, passando mais horas fora de casa, funcionárias para limpar, cozinhar e cuidar de crianças se tornou opção para uma parcela da população. As famílias

com melhores condições passaram a contratar mulheres de variadas idades que saíam da zona rural ou de suas cidades, menores que Arapiraca e com menos oportunidade de ocupação profissional, para trabalhar como empregada doméstica nas moradias em solo arapiraquense. Diante da distância de seu local de origem, passam a morar junto aos patrões e com isso os quartos de empregada estão presentes na casa.

Estabelecimentos comerciais e de serviços têm ocupado ano após ano as edificações que antes possuíam uso residencial no bairro do centro e os moradores estão ocupando os bairros mais periféricos, nas bordas do perímetro urbano. As novas moradias são construídas com base em projetos arquitetônicos idealizados por profissionais da área de arquitetura e urbanismo. Projetos que foram reunidos e analisados e possuem os quartos de empregadas nos documentos gráficos.

Inicia-se a análise dos projetos com a setorização relaciona-se à setorização, foi marcado para cada cômodo, cores distintas e, com isto, foi possível observar a localização dos ambientes e pôde também ser feito um comparativo entre os projetos. Este comparativo é importante para entender a representação do quarto de empregada dentro das moradias da cidade de Arapiraca-AL.

Na figura 3 a dependência de empregada está localizada no pavimento térreo e junto à garagem, não há uma integração com cômodos do setor social e íntimo. Até mesmo a cozinha e a área de serviço estão distanciadas do local de permanência da funcionária.

Figura 3: Projeto de uma residência em condomínio fechado em Arapiraca - AL.

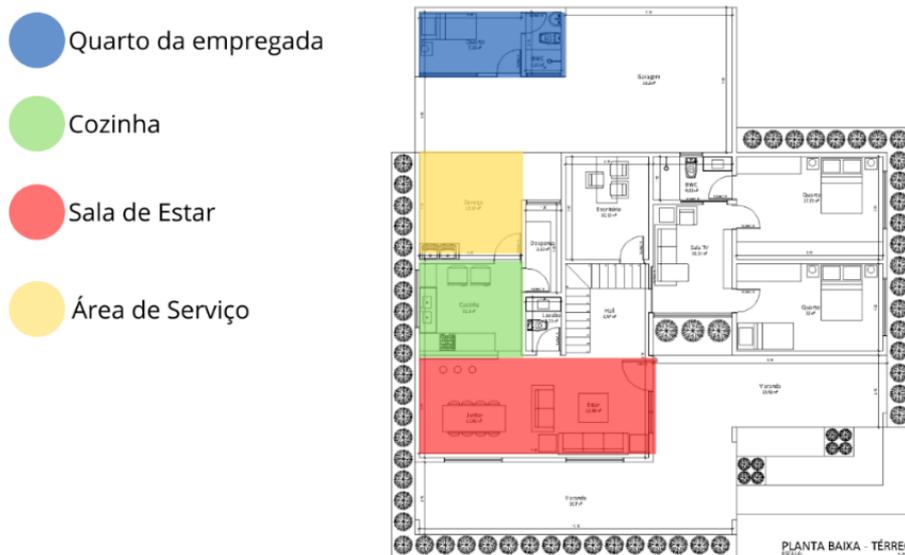


Fonte: Adaptado pelas autoras, 2022.

Na figura 4 a dependência de empregada se localiza mais uma vez ao lado da garagem e com afastamento de outros cômodos da moradia, o lugar de permanência da empregada

parece repetir a posição que ocupava nas casas do período colonial, distante dos quartos da família. Assim como a distância das senzalas para as casas grandes.

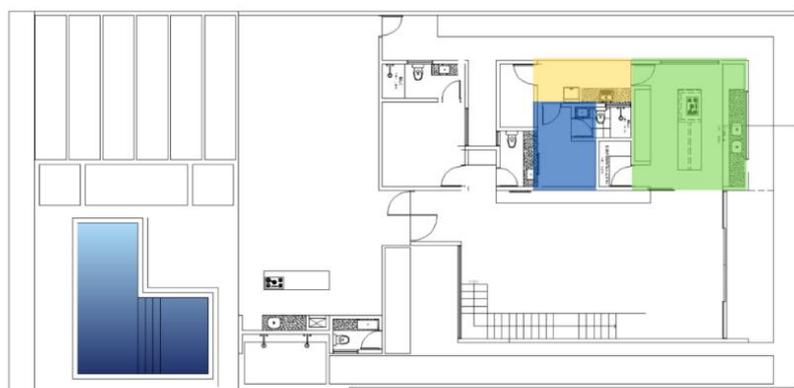
Figura 4: Projeto de uma residência em condomínio fechado em Arapiraca - AL



Fonte: Adaptado pelas autoras, 2022.

O quarto da empregada está junto à área de serviço na figura 5, permanece deslocada dos quartos e salas de uso dos patrões, não há uma proximidade destes cômodos quando se compara à distância da cozinha, por exemplo.

Figura 5: Projeto de uma residência em condomínio fechado em Arapiraca - AL



Fonte: Adaptado pelas autoras, 2022.

No último projeto a ser destacado (Figura 6) o quarto de empregada está no pavimento térreo da casa e está próximo da sala de estar e jantar e da suíte a ser utilizada por convidados dos proprietários da moradia.

Figura 6: Projeto de uma residência em condomínio fechado em Arapiraca - AL



Fonte: Adaptado pelas autoras, 2022.

As quatro plantas baixas expostas acima possuem pontos em comum no que se refere à análise do quarto de empregada, que estão localizados no pavimento térreo e separados dos quartos dos moradores, estes estão situados no pavimento superior. Uma questão positiva para as funcionárias da casa, que precisarão permanecer mais tempo no local de trabalho e dormir nele, é que em todos os projetos o quarto está combinado com um banheiro resultando na suíte, para a empregada doméstica ter mais conforto e um espaço mais íntimo.

Dentre os pontos negativos percebidos, primeiro é a dimensão do banheiro privativo para a empregada doméstica que é menor que todos os demais banheiros da casa. Outro ponto a ser destacado é a distância da dependência de emprega da área social e íntima da casa, deixando o lugar de permanência da funcionária segregada e distante dos demais cômodos. Por fim as janelas de todos os quartos de empregada estão posicionadas nas fachadas que recebem pouca ventilação durante todo o ano, para captar ventos em Arapiraca as aberturas devem estar voltadas para leste ou sudeste, o que favorece a sensação de conforto para o morador.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que a história contribuiu muito para a formação cultural brasileira e sua estrutura social. A história mostra que a elite econômica brasileira tem

resquícios escravagistas, com relação de exploração do patrão para com o empregado e após a Lei Áurea era comum mulheres trabalhando na casa dos patrões em troca de comida e moradia. Nesta senda, criou-se o hábito da empregada doméstica morar na casa dos patrões e a necessidade de um cômodo para aloca-las.

Ainda existem empregadas, que por inúmeras razões, dormem em seus locais de trabalho, por mais que os números na última década sejam menores comparados aos da década de 1980 e 1990. Uma das razões é quando a trabalhadora reside na periferia, zona rural ou cidade do interior, ou seja, distante do local de serviço, e os patrões oferecem como opção a moradia em suas casas. As funcionárias podem trabalhar com faxina, cozinhar e cuidar de criança, idoso ou pessoa acamada.

No caso de Arapiraca as empregadas domésticas são mulheres que costumam sair da zona rural do município ou de cidades vizinhas para morar na casa dos patrões, frequentemente aceitam receber salário abaixo do estabelecido por lei para ter onde viver na cidade.

É possível o quarto destinado ao descanso da empregada continuar existindo, mas precisa estar integrado aos outros cômodos da casa, o quarto que abrigará a funcionária pode ficar ao lado dos demais quartos e com dimensões similares, evitando o distanciamento e a permanência de atitudes preconceituosas contra as trabalhadoras domésticas. É importante que o profissional de arquitetura tenha atenção no momento de definir onde serão posicionados os quartos e as janelas para que estas captem iluminação e ventilação natural, resultando em um ambiente confortável assim como os cômodos de permanência da família moradora.

Outrossim, se faz necessário disciplinas, leituras e debates mais humanizados ao âmbito acadêmico, para que os estudantes tenham o olhar crítico e se debrucem em questões políticas, éticas, sociais e econômicas para orientar o cliente sobre as qualidades que a dependência de empregada deve ter. Importante que os profissionais de arquitetura e urbanismo evitem que nos projetos o quarto da empregada permaneça como um espaço de segregação da funcionária dentro da casa e que lutem contra as práticas estabelecidas e repetidas ao longo dos anos por meio de novas propostas projetuais.

Referências:

ALENCASTRO, Luís Felipe. **História da vida privada no Brasil império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras: 2008.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Sindicato das trabalhadoras domésticas no Brasil: teoria da descolonização e saberes subalternos**. (Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB). Brasília: 2007.

DIAS, Luciana de Oliveira; ALMEIDA, Lyzyê Inácio | Eu empregada doméstica: heranças, resistências e enfrentamentos das trabalhadoras domésticas no Brasil | **TESSITURAS V9 N1 JAN-JUN 2021** | Pelotas | RS

FREYRE, Gilberto (1900-1987). **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48 ed. Ver – São Paulo: Global: 2003.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy. 1999.

- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1986.
- LIMA, Jessica Caroline Rodrigues de; TOLEDO, Alexandre Márcio. A permanência do dormitório da empregada nos apartamentos: estudo comparativo nas décadas de 1960 a 1990 em Maceió/al. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Carlos, v.13, n.3, p.79-96, dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/gtp.v13i3.145099>.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 1997.
- MESSIAS, Ana Karlla; HOLANDA, João Paulo; SILVA, Lucicleide da. **Arapiraca – cidade da gente: estudos regionais.** Fortaleza: Didáticos Editora. 2019.
- MORAIS, Fernando de Oliveira; MAIA, Doralice Sátyro. **Os quartos de criadas no pós-abolição da escravidão brasileira.** s/d. João Pessoa.
- MUYLAERT, Anna. **Que horas ela volta?** 2015. Brasil.
- OLIVEIRA, Marina de. **Quarto de empregada, de Roberto Freire: o espaço como propulsor do conflito de classes.** Pelotas: UFPel. Universidade Federal de Pelotas; coordenadora do curso de Teatro-Licenciatura.
- SILVA, Deide Fátima da; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. In: **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 17(32): 409-438, jan-jun 2017- ISSN Impresso: 1676-529-X